

Resenha do livro W. R. Bion – A obra complexa¹

Claudio Castelo Filho²

W. R. Bion – A obra complexa é um livro endereçado aos que almejam expandir e repensar as ideias de Bion com as quais já tiveram contato. É uma reflexão inovadora a partir de Bion. Não propõe *explicar* as ideias de Bion, mas é uma obra ousada que não se submete à autoridade desse autor pelo qual os autores têm uma profunda admiração; sugere algo próprio e novo: propostas teóricas, expansões, considerações, inovações e mesmo revisões de construtos bionianos. É valioso e de muito interesse para quem trabalha nesse campo e reconhece o grande impacto das ideias de Bion na psicanálise. Mesmo aqueles que estão se iniciando na obra de Bion podem, ao ler passagens deste livro, vivenciar experiências emocionais que poderão ajudá-los, não a entender a palavra ou letra de Bion, mas sim sua música, seu espírito. Poderão tomar contato com seu potencial criativo por meio de uma linguagem de êxito/consecução que nos lança num futuro de infinitas possibilidades.

São correlacionados, nessa publicação, a obra de Bion e diversos conceitos da física e da filosofia, como a Teoria do caos, o Teorema de Gödel e o Princípio da incerteza.

Os autores têm a opinião de que a análise está dentro das pessoas como *habilidade humana potencial* que faz o paciente se interessar mais pelo processo analítico e pelo conhecimento de sua mente em direção diversa do conceito clássico de psicanálise como tratamento proveniente do modelo médico, alterando-o plena-

1 Trabalho originalmente publicado na Revista Brasileira de Psicanálise, v. 49, n. 1, 2015.

2 Membro Efetivo e Analista Didata da SBPSP. Psicólogo pela USP. Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Doutor em Psicologia Social e Professor Livre Docente em Psicologia Clínica pela USP.

mente. A psicanálise auxiliaria no desenvolvimento dessa habilidade potencial. Dessa forma, a análise não pode ser apresentada como se fosse remédio. O analista trabalharia para desenvolver esse potencial.

Os autores constroem uma ficção científica da história da evolução dos primatas em que os hominídeos acabaram gerando bebês cada vez mais inacabados e imaturos, o que teria diminuído a importância do inato e teria aumentado a capacidade de aprender com a experiência. Ligam essa ficção à ideia de preconcepção de Bion. Esta, em seu trajeto de realização para gerar uma concepção, conservaria uma *lembrança* dessa história que seria a etapa pré-natal movimentada pela imaginação radical. O pré-humano se *imaginou* humano e as alterações decorrentes dessa imaginação levaram a mudanças tremendas que romperam com a ordem animal na qual estavam inseridos na natureza.

Decorreu, como consequência, que os bebês neotênicos, devido às suas imaturidades, passaram a depender muito mais do grupo, o qual se tornou tão essencial que o pré-humano mudou-se da natureza para o grupo, surgindo, dessa alteração, uma sociedade.

Consequentemente, a sobrevivência da espécie passou a exigir coesão da coletividade e uma socialização integradora para que os bebês fossem cuidados. Desse modo, a preconcepção incluiria não somente o seio que alimenta, mas a mente de uma mãe que o leva ao seio, os pais unidos que garantiriam a existência desse seio, a sociedade que protege os pais e, finalmente, a manutenção de uma mente criativa capaz de gerar soluções novas à medida que a sociedade vai se tornando mais complexa.

A partir dessa evolução, a criação de uma nova forma de se comunicar teria sido o mais relevante, tendo em vista a facilidade de emitir sons diversos: postura, gestos, alerta, afetos, etc., puderam ser traduzidos em palavras. A linguagem digital simbólica seria o acontecimento mais emblemático e decisivo da espécie.

A preconcepção seria uma expectativa difusa de que no porvir existe um objeto psiquicamente gratificante e onipotente, capaz de satisfazer e preencher a incompletude humana.

Levando em consideração o Princípio de complexidade, constatou-se que os fatos absolutos (O) de uma sessão nunca podem ser conhecidos – eles evoluem como processo de conhecimento na transitoriedade dos fenômenos.

Uma grade negativa é proposta ao considerarem que os elementos beta formariam um gradiente de manifestações clínicas de modo similar aos elementos alfa a partir da observação de pacientes muito graves que oscilariam rigidamente entre a *idealização* e o desprezo pelo analista. Observa-se a relação transferencial permeada de perguntas com expectativas de se conseguir, por todos os meios,

respostas arrogantes que inviabilizam a experiência emocional. Os sentimentos assemelhando-se a pantomimas rudimentares de amor que nitidamente manteriam vínculos marcados por uma espécie de vampirismo. O que diz respeito à grade negativa também seria pertinente às instituições que se tornariam arremedos daquilo que, em princípio, se proporia a ser ou das funções que lhes seriam inerentes.

Ponderam, os autores, que os conceitos de maldade e complexidade do mal decorreriam da impossibilidade de sofrer e fazer contato com dor psíquica, o que também inviabiliza o acesso ao prazer, a sofrer o prazer, o que tornaria os indivíduos insensíveis. Sem a sensibilidade, haveria apenas um arremedo, à moda dos talibãs e outros grupos terroristas ou que pregam o terrorismo.

Para os que se dedicam ao ódio, o mal seria uma espécie de consciência de si mesmo: odiar seria igual a ser, a existir diante do outro e, conseqüentemente, para si mesmos. Abrir mão do ódio equivaleria a desistir da própria existência, da própria identidade. Com o ódio, sentem-se grandiosos, sem ele nada seriam.

O mal e a crueldade são, em geral, racionalizados e não constatados como tais. Pela lógica, o mal é vivenciado como se fosse bem, pois a confusão e a inversão de valores se justifica como desejo e meio de uma justiça própria de um grupo moralmente ressentido. Para excluir o outro do universo, o mal se vale de filosofias, ciência, ideologias, cosmologias. O discurso de ódio é uma justificativa lógica para a supressão dos não alinhados. Tal situação aplica-se igualmente aos grupos psicanalíticos e aos outros agrupamentos humanos. Qualquer grupo pode *tomar posse* da ética para torná-la uma moral conveniente a ele próprio, valendo-se dela para justificar torturas e massacres de seus desafetos.

O princípio da incerteza evidencia que toda vez que observamos um aspecto não observamos outros. O absoluto é impossível. No viger da maldade exige-se o absoluto do outro ou tenta-se colocá-lo como absoluto, de maneira a poder aniquilá-lo, uma vez que não poderá fornecer o que dele se demanda. O moralista coloca-se como juiz supremo e iguala-se a Deus, ponto que estaria por trás das manifestações de maldade – a onipotência de seus executores.

Propõe-se uma discussão entre moral, ética e reduções desta última, com o que Nietzsche chamou de moralina. A ética complexa, dizem, é modesta. Não é arrogante como uma moral de fundamento *ditada* por Deus, igreja ou partido. Não tem poder absoluto, somente fontes que podem esgotar-se. A ética considera o confronto com a dificuldade de pensar e de viver. É sem saturação e sempre promessa. Incorpora o desconhecido do mundo e do humano. É o oposto da moral que se apoia em máximas que são por ela concebidas como leis universais, válidas para todos os seres racionais. Desse modo, a moral e a atividade pensante

teriam objetivos incompatíveis e diversos. Conforme Hannah Arendt, pensar é perigoso para todos os credos e, por si mesmo, não produz nenhum outro credo. Segundo ela, para ser um oficial da SS, basta ser alguém que dispense a faculdade humana de pensar, não precisa ser nenhum perverso. O vazio do pensamento gera a banalidade do mal. A ideia de que o maior mal possa ser feito pelo mais comum e servil dos homens transtorna a mente dos que pensam que o mal vem de um ser monstruoso, que não está na categoria do humano. As ações de grande crueldade e maldade também fazem parte do humano!

A ansiedade catastrófica, o terror sem nome ou o medo subletalâmico podem ter como reação um funcionamento em trânsito que se instala oferecendo uma segurança ilusória contra o desamparo e o sofrimento, valendo-se de onisciência e onipotência, tal como ocorre nas drogadições, nos fundamentalismos e no terrorismo em geral, traduzindo-se na maldade.

A finalidade da psicanálise não seria a de produzir certezas sobre o ser – ela é uma espécie de prática da dúvida. Ao final dela, espera-se que possamos tornarmos mais íntimos do estranho que existe em nós, o que levou ao desenvolvimento da Teoria das transformações de Bion.

A psicanálise teria o objetivo investigativo primordial de auxiliar o analisando a alterar, de alguma maneira, sua relação com a mente inconsciente, amiúde sequestrada por promessas vãs de felicidade eterna vindas de muitas fontes – religião, mistificação, terapias breves diversas, autoajudas, terapias-cultos a si mesmo, mitos pessoais, boatos, etc.

De acordo com Bion, o analisando aproxima-se de ser a pessoa que sempre deveria ter sido (ele mesmo) se a análise for bem-sucedida. Essa experiência só ocorre se houver a transição do saber sobre a realidade para o tornar-se essa realidade na vida (transformação em O).

No que diz respeito à linguagem de êxito ressaltam, como Bion, a importância da relação entre o que se relaciona e não dos objetos ou seres relacionados. O problema aparece quando não se dá atenção à relação, ao que está entre, como na relação entre metáforas. Ao se falar eu-tu, o que importa é a relação entre eles, numa realidade em aberto, em que não há término.

O tornar-se aquilo que se é em uma conversa sincera sobre o que está se passando entre os presentes, interessada na existência da mente inconsciente, o que geraria uma sabedoria de vida, seria o principal foco de uma experiência analítica.

Os autores evidenciam, ao tratarem da transferência, que é a suspensão de memória, desejo e da necessidade de compreensão que é possibilitada a interação com ela, ou seja, ao se esperar a transferência, ela não aparece – aparece so-

mente o transferido, o conteúdo, por meio do qual se pode crer que são possíveis interpretações transferenciais, ao seguir-se mecanicamente o fluxo associativo. O transferido constitui parte do trânsito, mas não é o que produz o trânsito. Faz parte da transferência, mas não é a transferência em si. Ao considerarem-se as interpretações, não se altera o Ser do vínculo pelo que é transferido, mas pelos elementos que produzem o trânsito, alterando-se o continente, ampliando-se o espaço mental, problematizando!

Somente com a mudança de um estado mental para outro ocorreria a transferência – é a coisa em si que se movimenta que constitui a transferência. Para Bion, a análise sempre fala a linguagem da experiência emocional (as paixões sempre voltando à superfície), corroborando o pensamento de Freud de que a transferência expressa o essencial.

O conceito de Cesura questiona a forma habitual de pensar, direcionando as novas possibilidades lógicas que seriam desantropomórficas, expondo uma realidade que não segue parâmetros biológicos deterministas de começo, meio e fim, nem conceitos de espacialidade. Foca-se numa realidade que está sempre além do nosso alcance, a do Inconsciente, que pode ser transcrita numa relação entre infinito e finito.

Ao abordar a ideia de Turbulência emocional, Chuster, Soares e Trachtenberg a consideram como uma forma singular de apresentar a transferência, como um fenômeno de transitoriedade que sempre remete à cesura.

Apoiando-se em Castoriadis, sugerem a ideia de Imaginação radical, que abarcaria estados mentais muito primitivos vinculados a sentimentos subtalâmicos da mente embrionária; o mundo pré-natal influenciando as transformações pós-natais.

É possível observar aspectos muito primitivos conectados à existência de uma mente embrionária ao trabalhar-se afastando memória, desejo e necessidade de compreensão. Ao usar-se essa disciplina, estaria evidenciada a realização de um trabalho valioso se for desencadeada uma imagem onírica antes de uma interpretação.

Os autores propõem a correlação de *realização*, um conceito originalmente matemático, com imaginação radical, e oferecem um modelo de realização diverso do considerado habitualmente, em que esta ocorre em duas etapas: na mente embrionária e na mente pós-natal. Nele, o movimento condutor da preconcepção na mente embrionária pode atender a outro *status* teórico em virtude de ser um sistema que demanda mais investigação. É sugerida a substituição do conceito de identificação projetiva pelo de imaginação radical. A existência de uma posição a mais, além das propostas por Klein, também é considerada.

Para evidenciar o modo com que lidam na prática com o que propõem, são descritas duas situações clínicas.

O final do livro se dá com uma conclusão em aberto, tendo em vista que o relevante estaria na abertura de novos campos de indagação e pesquisa, voltados para o infinito.

Considero que um dos aspectos mais valiosos desse livro está na liberdade dos autores em apresentarem suas próprias ideias e teorias, fomentadas a partir da obra de Bion, mas acrescentando algo novo e original. O imenso respeito que possuem por sua obra, pela de Freud, Klein, ou outros autores significativos, não os leva a caminhar sobre as pegadas deles. Essas são importantes referências, mas eles podem ir adiante abrindo novas trilhas.

Referências

CHUSTER, Arnaldo; SOARES, Gustavo; TRACHTENBERG, Renato. **W. R. Bion: a obra complexa**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2014.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

CLAUDIO CASTELO FILHO
Rua Carlos Sampaio, 304 / 72
01333-020 – São Paulo – SP – Brasil
e-mail: claudio.castelo@uol.com.br